

# Compromisso de campanha garantiu a nova capital

ERNESTO SILVA  
Especial para o CORREIO

Tudo começou no dia 4 de abril de 1955, em Jataí, cidade do interior de Goiás. Juscelino Kubitschek iniciava, nos confins do Brasil, sua arrancada heróica à Presidência da República. Escolhera um povoado distante dos grandes centros justamente para sentir o pulsar dos milhares de brasileiros que viviam distantes do progresso, sem vislumbrar, a curto prazo, qualquer esperança para as suas desventuras.

Como já testara na campanha à governadoria de Minas Gerais, quando, após o discurso de praxe, estabelecia um diálogo com o povo, desta vez Juscelino não fugiu à regra. Colocou-se à disposição da multidão que o aplaudia. A primeira pergunta desse seu primeiro comício de candidato, a formulou um dos ouvintes que se encontrava bem perto do palanque, mais tarde identificado: era o Antônio Carvalho Soares, o Toniquinho. A interpelação, partida de um modesto homem do interior, era candente:

"O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende cumprir o dispositivo que determina, nas suas disposições transitórias, a mudança da capital federal para o Planalto Central".

O presidente Juscelino confessava que a pergunta o pegou de surpresa, pois, embora conhecesse de longa data aquele quadrilátero que sempre aparecia em todos os mapas do Brasil no centro do Estado de Goiás, não havia pensado no problema quando elaborara seu plano de Trinta Metas.

Sagaz, o candidato não vacilou. E respondeu:

"Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do Governo".

Os aplausos ecoaram demorada e delirantemente.

Juscelino fixou-se na idéia e acrescentou às metas já definidas mais uma, a que denominou de Meta-Síntese, isto é, a construção da nova capital.

A 19 de setembro de 1956, o presidente Kubitschek sanciona a Lei número 2.874, que cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, mais conhecida por Novacap. A 24, era nomeada a primeira diretoria da empresa, seu Conselho de Administração e Conselho Fiscal.

Ato contínuo, Juscelino programou a primeira viagem ao Planalto Central, isto é, à área delimitada e já parcialmente desapropriada pelo Governo do Estado de Goiás.

Nada havia nesse ermo. Solidão. Silêncio somente quebrantado pelo canto das aves, bando de tucanos e o alvoroçar das emas, siriemas e veadinhos galhados, que cruzavam o espaço numa correria delirante. Donos da terra, mal supunham que seriam expulsos em breve para outras paragens...

Juscelino partiu do Rio para o Planalto num velho C-47, da FAB, número 2052, no dia 2 de outubro de 1956, com uma pequena comitiva.

Juscelino percorreu todos os recantos do sítio (denominado de Castanho).

Foi nesse momento de euforia, de apreensão, de vibração cívica, que alguém apresentou ao presidente um caderno, que logo denominaram de Livro de Ouro, no qual ele escreveu este lindo poema:

"Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País e antevejo esta alvorada com fé inquietante



brantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

A árdua batalha começara. Juscelino fixou o prazo para a inauguração da cidade: 3 anos e 10 meses.

Durante mais de três anos, a preocupação dominante de todos, sem exceção, consistiu em dedicar um esforço sem limite para entregar a cidade em condições de ser inaugurada a 21 de abril de 1960. Para conseguir esse objetivo, era necessário que trabalhássemos como se cada hora fosse a última hora concedida. Era necessário que abandonássemos estilos normais de trabalho, para que as vigílias e as prorrogações de horários se constituíssem no trivial do serviço. Era necessário que não fossem tomados em consideração o pó, a soalheira, a lama, o frio, o desconforto, as intempéries e as fadigas. Não bastava que cada um desempenhasse bem os seus encargos regulamentares. Era condição de vitória que todos multiplicassem o esforço para saldar, no vencimento, o compromisso assumido com a Nação, levando, se preciso, seu entusiasmo pelo trabalho ao limite crucial do sacrifício.

E quem nos instilava ânimo, e quem nos infundia coragem, e quem nos dava forças, com o seu exemplo, era justamente o comandante, o presidente Kubitschek.

Era permanente a exortação que Juscelino fazia aos trabalhadores, em suas visitas constantes aos canteiros de obras. Com seu entusiasmo avassalador, procurava sempre despertar, em cada um de nós, dos diretores ao mais humilde operário, um sentimento de solidariedade e uma tal convicção da importância da obra, que surgiu dessa gigantesca cooperação aquilo que se convencionou chamar o espírito de Brasília, que, no dizer de Israel Pinheiro, era "tudo o que há de contrário ao derrotismo sistemático".

Enquanto os trabalhos prosseguiam febrilmente e quanto mais progrediam as obras, parte da imprensa e a acirrada oposição no Congresso assacavam as maiores acusações ao Governo, por estar cumprindo um dispositivo constitucional. Diziam que tijolos eram transportados em aviões, que materiais eram desviados, que pessoas se enriqueciam, acusações que Juscelino definia como "a realidade terrível das misérias, que caracterizam o subdesenvolvimento".

Todas as dificuldades foram finalmente vencidas. Nada resistira ao alude do trabalho e dos ideais, únicas alavancas que fazem progredir o mundo.

Os adversários, que haviam verberado contra Brasília, apresentavam-se acabrunhados em face da evidência que lhes agredia a visita.

Chegou o momento da inauguração.

Dia 20 de abril, às 17:30, o pre-

sidente Juscelino Kubitschek recebe de Israel Pinheiro a chave da cidade. A multidão acotovelada na Praça dos Três Poderes aplaudia freneticamente a cerimônia.

Juscelino discursa:

"Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a que me orgulho de pertencer. Caminhastes até aqui de qualquer maneira, por estradas largas e ásperas, porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília. Reconheço e proclamo, neste momento, que sois a expressão da força propulsora do Brasil. Ninguém vos subtrairá a glória de terdes lutado nesta tremenda batalha. Com o pensamento na Cruz em que foi celebrado o Santo Sacrifício, peço ao Criador que mantenha cada vez mais coesa a unidade nacional, que nos dê sempre esta atmosfera de paz, indispensável ao trabalho fecundo, e conserve em vós, obreiros de Brasília, o mesmo espírito forte com que ergueste a grande cidade.

"Os que duvidaram desta vitória, os que procuraram impedir a nossa ação, os que se desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, de que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas provincianas em que transitavam.

Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História os que não compreenderam e não amaram esta obra".

Brasília não foi uma improvisação, mas o resultado de um amadurecimento.

Não foi somente uma mudança de capital, mas o anúncio de uma reforma. Não se visava apenas a construção de uma cidade nem se batalhava unicamente pela emancipação de uma região. A implantação da capital no interior do País constituiu um decisivo impacto de progresso, um detonador de novos empreendimentos que vão surgindo, proporcional e progressivamente, em torno da cidade, como se formam, na superfície d'água, círculos concêntricos do ponto em que um corpo se choca com o líquido.

Na realidade, Juscelino Kubitschek de Oliveira inspirou uma época que correria o risco de afogar-se na trivialidade. Foi um sonhador e um realizador. Ousava fazer e sabia fazer. E também, como todos os gênios, tinha o dom da previsão. Não fora esta virtude, não teria aceito o desafio de construir Brasília.

Reverenciemos a memória daquele que nos deu um dos mais belos exemplos de amor, de tolerância, de trabalho, de perseverança.